

#cm
2

FIM DE SEMANA



Felipe Lima, o ator que se descobriu como produtor

PÁGINA 6



Show da turnê do novo disco de Alcione chega ao Vivo Rio

PÁGINA 10



Pão de queijo, a super iguaria mineira, tem um dia só seu

PÁGINA 16

53 FESTIVAL DE CINEMA DE GRAMADO

Um astro made in Brazil

Rodrigo Santoro chega na noite desta sexta-feira (16) ao Festival de Gramado para receber o Kikito de Cristal, honraria que reconhece artistas brasileiros que projetaram a América Latina internacionalmente. O ator, prestes a completar 50 anos, será homenageado pelos 25 anos de carreira que incluem sucessos como “Carandiru”, “300” e séries americanas como “Lost” e “Westworld”.

Na mesma ocasião, será exibido “O Último Azul”, seu mais recente trabalho dirigido por Gabriel Mascaro. O filme, que conquistou o Grande Prêmio do Júri

em Berlim, apresenta uma distopia sobre etarismo ambientada na Amazônia. Santoro interpreta um barqueiro que ajuda Tereza (Denise Weinberg), septuagenária que se recusa a ser confinada em campo de concentração para idosos e inicia jornada rio acima.

A produção, que estreia comercialmente em 28 de novembro, reflete o momento especial do nosso cinema que vem levando mais brasileiros às salas de exibição e conquistando reconhecimento internacional. Na página seguinte, o ator conversa com Rodrigo Fonseca

53 FESTIVAL DE CINEMA DE GRAMADO

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

‘A floresta é professora’

Guillermo Gaza/Divulgação



Rodrigo Santoro e Denise Weinberg em cena de ‘O Último Azul’, que terá sua estreia nacional em Gramado

“O público está orgulhoso do cinema brasileiro. O Brasil sempre foi reconhecido pelo futebol, pelas belezas naturais e, agora, estamos sendo mundialmente reconhecidos pela nossa arte”

Alçado à categoria de ator de prestígio (por sua disposição para o risco) com “Bicho de Sete Cabeças”, 25 anos atrás, Rodrigo Junqueira Reis Santoro vai a Gramado, na Serra Gaúcha, esta noite, rever seu histórico de lutas. Muitas foram travadas aqui dentro, em filmes cercados de culto, como “Carandiru” (2003) e “Helena” (2012). Outras, ele lutou lá fora, na Hollywood que lhe deu a coroa do persa Xerxes, em “300” (2007), e em produções da Argentina (“Leonera”) e de Cuba (“Um Tradutor”) nas quais atuou. Cada qual tem sua relevância num currículo que traz parcerias com cineastas do naipe autoral de Laís Bodanzky, Steven Soderbergh, Luiz Fernando Carvalho, Roland Joffé, Philip Kaufman, David Mamet, Patricia Riggen, Walter Lima Jr., Hector Babenco, Daniel Filho, Carlos Saldanha, Marão, Fernando Meirelles...

A lista é longa e ainda não incluiu o que ele fez na TV, no exterior, como “Lost” e “Westworld”. À luz dos Pampas, prestes a completar 50 anos, Santoro vai receber esta noite o Kikito de Cristal, honraria inaugurada há 18 anos para reverenciar artistas aptos a levar a América Latina para além de suas fronteiras.

Na mesma ocasião, um de seus trabalhos mais recentes, “O Último Azul”, dirigido por Gabriel Mascaro, será exibido em projeção hors-concours, como atração de abre-alas da maratona cinéfila mais popular deste país, que engata, a partir de sábado, a seleção competitiva de sua 53ª edição.

Com o mesmo diapasão sensorial que rodou “Boi Neon” (2015) e “Divino Amor” (2019), Mascaro fez Santoro se embrenhar pela Amazônia em “O Último Azul”, que ganhou o Grande Prêmio do Júri da Berlinale. A produção ga-

nhou ainda a láurea do Júri Ecu-mênico de Berlim e o Prêmio dos Leitores do Berliner Morgenpost. Essa belíssima distopia contra o etarismo entra em circuito no dia 28.

O Festival de Gramado será sua pré-estreia nacional. Sua protagonista é Tereza (Denise Weinberg, em atuação estonteante), funcionária septuagenária de um curtume de jacarés, em terreno amazônico,

que se vê forçada a migrar para um campo de concentração para cabeças grisalhas. A recusa de ser isolada num retiro obrigatório, imposto pelo governo a quem tem 70+, faz com que ela engate numa jornada rio acima. Tereza (papel de Denise) conta com a ajuda de barqueiro de coração quebrado para cruzar a geografia fluvial amazonense, ouvindo dele segredos sobre o caracol

da baba azul, um visco que abre portas da percepção. Esse homem das águas é um devir Oxum de Santoro. Nesta entrevista, ele fala de escolhas.

Você recebeu o troféu Cidadão de Gramado, uns onze anos atrás, pela força estética da sua participação nas telas e, agora, uma década depois, regressa

para ganhar o Kikito de Cristal, com um filme que celebra a força amazônica. O que te leva a dizer “sim” para um roteiro como o de “O Último Azul”?

Rodrigo Santoro: O que me levou a dizer “sim” foi a mesma razão que me levou a dizer “sim” para “Bicho de Sete Cabeças”: uma grande história, com um tema urgente a ser discutido, personagens com profundidade e muito talento envolvido no processo. Quanto a Gramado, tô feliz em retornar, tenho um carinho muito especial pelo festival.

O que a floresta te deu de mais bonito nesse universo do Mascaro?

A floresta é professora. Aprendi tanto. Cheguei da cidade totalmente fora da sintonia. Aos poucos, fui sintonizando com o tempo e o espaço daquele lugar. Quando percebi, já estava conectado, escutando os sons da mata nos Igarapés.

O cinema brasileiro vive um tempo de fatura nos festivais estrangeiros, mas sonha se manter forte em circuito. De que maneira a chegada de um filme como “O Último Azul” pode nos aproximar das telas e pode aproximar o Brasil do Norte, da Amazônia?

“O Último Azul” tem encantado muita gente por onde passou. É um filme bonito, que fala de um tema importante e de fácil identificação. O público está orgulhoso do cinema brasileiro. O Brasil sempre foi reconhecido pelo futebol, as belezas naturais e, agora, estamos sendo mundialmente reconhecidos pela nossa arte. Tomara que esse orgulho se transforme em presença nas salas para que ele continue existindo e contando nossas histórias.

Você será visto, em breve, em “O Filho De Mil Homens” e “Corrida dos Bichos”. O que você tem para filmar nos próximos meses?

Estou filmando “BR-70: A Saga do Tri”, uma série para a Netflix.

Ihode Cursum Perficio Production e Edoardo Nerboni/Divulgação



Sequência de 'E', longa de Anna Eriksson, rodado na Namíbia entre 2023 e 2024, com ecos de Bergman



Nas areias da resiliência

Filmado na Namíbia, pós-pandemia, 'E' desbrava o deserto para enfrentar o patriarcado na investigação da finlandesa Anna Eriksson que deslumbrou Locarno

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

As vésperas de encerrar uma edição que acolheu um amálgama de Brasil com a Romênia (a alegoria política "Drácula", de Radu Jude), em sua competição oficial, o Festival de Locarno viveu uma arenosa epifania em sua 78ª edição, levado para as dunas da

Namíbia pela diretora finlandesa Anna Eriksson. Seu novo filme, "E", embrenha-se por um deserto onde simbolismos dos mais indecifráveis, ligados a psique, apontam verdades sobre a condição humana oprimida por vetores patriarcais. A produção chapou o evento suíço, fora da disputa oficial pelo troféu Leopardo de Ouro, esbanjando sinestesia.

O longa-metragem é parte de uma trilogia que Anna, também cantora e artista visual, inaugurou inspirada na saga real de três mulheres declaradas com histeria no século XIX — Blanche Wittmann, Augustine Gleizes e Geneviève Bazile Legrand — depois de serem internadas no hospital da Salpêtrière, em Paris, cuidadas pelo neurologista Jean-Martin Charcot. Ele as categorizou por letras: W, B, G. A filmografia da realizadora segue esse parâmetro em seus dois títulos progressos: "M" (2018) e "W" (2022).

"Os traços de histeria nelas são indicadores de que são vítimas da sociedade", disse Anna ao Correio da Manhã, via Zoom, explicando que as filmagens de "E" duraram cem dias, divididos em uma etapa de três meses em 2023 e mais uma estadia em 2024. "Filávamos sempre no cair do sol, o que nos assegurava apenas uns 45 minutos, por dia, da

luz avermelhada que eu buscava. Esse processo me ensinou a ser mais paciente e mostrou que preciso planejar mais".

Existe uma camada de som em "E" que nos conta uma narrativa de ecos políticos. Neal, a ex-primeira-ministra Eva Vogler causa um escândalo no banquete do prêmio Nobel e logo se vê perdida numa paisagem desértica. Lá, é confrontada por sua doppelgänger (um duplo, um ser de igual aparência, mas de distinto caráter), que busca destruí-la. Isso é o que se ouve. O que se vê é a luta de uma mulher contra as areias, numa atuação que mais parece um balé.

"Entrei naquele espaço vinda de uma Europa que saía da covid-19 e encontrei um lugar que, para onde quer que se olhasse, não se via nada. Há apenas sombras, parecidas com fantasmas, na superfície do que olhamos. Nesse ambiente, uma pessoa se esquece fácil do que perdeu e do que é. É libertação e é recomeço. O deserto tem uma natureza divina", explica Anna, que usou referências do mítico cineasta Ingmar Bergman (1918-2007) na dramaturgia.

O sobrenome de sua protagonista, Vogler, é o mesmo da atriz em crise interpretado por Liv Ullmann em "Persona" (1966), um

dos marcos do legado bergmaniano.

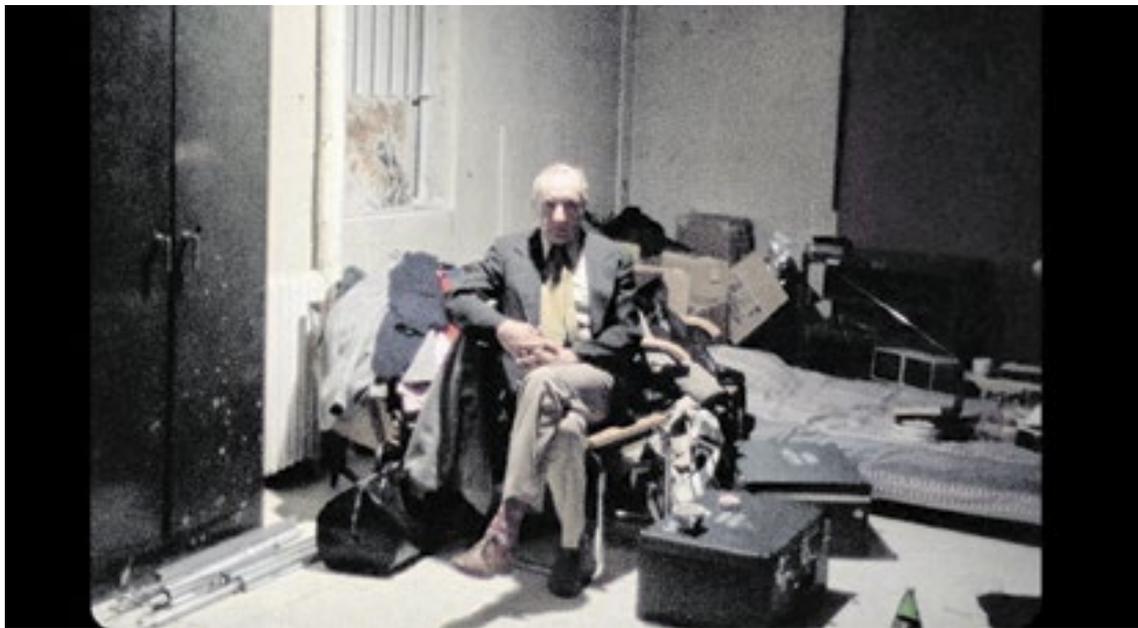
"A conexão consciente com Bergman vem na reflexão sobre algo perdido, numa personagem que não fala ao longo de todo o meu filme", diz Anna. "Em 'E', reflito o espírito de nosso tempo em que o sentido de muita coisa sumiu, deixando-nos melancólicos".

Neste sábado, o júri da seleção de longas de Locarno, presidido pelo cineasta cambojano Rithy Pahn anuncia o resultado da premiação. Um dos títulos que mais se destacaram no certame foi o português "As Estações", de Maureen Fazendeiro. A realizadora de "Motu Maeva" (2014) e "Sol Negro" (2019) vai além das fronteiras etnográficas ao desbravar o campo, entre cabras, silêncios e sonhos. Entrelaçando relatos de trabalhadores rurais, pesquisas de campo de arqueólogos, desenhos, investigações científicas, lendas, poemas e canções, seu filme é uma viagem pela História de uma nação que um dia teve o mundo nas mãos, no tempo das grandes navegações. Não é o mar... testemunha do passado de glórias das caravelas e da Escola de Sagres... que interessa ao olhar de Maureen e, sim, os contos de uma região do sul de Portugal, o Alentejo. Seu longa, que entra nas telonas de Locarno nesta segunda, é um retrato das pessoas que lá viveram, qual uma autópsia em corpo vivo de um país. O jogo pode virar com a exibição da nova expressão autoral da badalada diretora Naomi Kawase ("Esplendor"), vinda de Nara, no Japão: "Yakushima's Illusion", com a luxemburguesa Vicky Krieps.

É o último dos 18 competidores a ser projetado no festival. Na trama, Corry, uma coordenadora francesa de transplantes cardíacos pediátricos, é enviada ao Japão, onde a doação de órgãos continua sendo um tabu. Enquanto luta para salvar um menino, seu parceiro Jin, um fotógrafo de Yakushima, desaparece repentinamente. Ele se torna um "Johatsu", como os japoneses chamam as 80 mil pessoas que desaparecem da noite para o dia a cada ano. Corry enfrenta uma dupla prova: salvar uma criança enquanto lida com a perda do homem que ama.

Após a entrega de prêmios, Locarno encerra suas atividades com a premiação e com exibição da nova versão (agora musical) de "O Beijo da Mulher Aranha", o livro de Manuel Puig (1932-1990), que inspirou um dos maiores êxitos do diretor Hector Babenco (1946-2016), em 1985. Agora, Jennifer Lopez encarna o papel que foi de Sonia Braga. O longa, dirigido por Bill Condon, passa no encerramento do festival, e tem Diego Luna e Tonatiuh nos papéis que foram de Raúl Julia (1940-1994) e William Hurt (1950-2022), que ganhou o Oscar pela versão de Babenco, interpretando o decorador Molina.

Realizador português, que fez rock pesado nos anos 1990, amplia seu prestígio nas telas ao levar a Locarno cenas de um evento nova-iorquino ‘mucho loco’ e lançar ficção vitoriana no Brasil



Em ‘Nova’ 78, Rodrigo Areias revisita uma convenção de artistas em Nova York

No ‘beat’ de Rodrigo Areias



Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

S seja em Locarno, seja no Brasil, o português da cidade de Guimarães Rodrigo Areias já é de casa. Semana passada, o diretor e produtor lusitano - que foi um roqueiro da pesada na virada dos anos 1990 - botou o festival suíço no bolso com “NOVA ‘78”, um documentário rodado em dupla com Aaron Brookner, feito em sinergia com a Inglaterra. Sua narrativa nevrótica resgata imagens (a maioria inéditas) da lendária Nova Convention, um evento de três dias, realizado na cidade de Nova York de 30 de novembro a 2 de dezembro de 1978, numa homenagem ao escritor beatnik William S. Burroughs (1914-1997). A “convenção” incluiu seminários, apre-

sentações musicais, leituras, performances e ... confusão. Em meio à boa acolhida da fita na maratona helvética, Areias acompanha detalhes da estreia brasileira de “O Pior Homem de Londres”.

No longa, em cartaz por aqui em setembro, voltamos à Londres da época vitoriana. Em terras inglesas, um homem de espírito aventureiro e grande argúcia apronta diabruras das mais variadas. Trata-se de Charles Augustus Howell, the Portugee. Nascido no Porto, filho de mãe portuguesa e pai inglês, ele é agente de grandes artistas e negociador de arte, mas também é agente secreto e mestre na chantagem. Arthur Conan Doyle fez dessa figura personagem das histórias do detective Sherlock Holmes e apelidou-o de “O Pior Homem De Londres”. As peripécias de Howell (vivido por Albano Jerónimo) levaram Areias ao Festival de Roterdã.

Ambas as produções usam o espaço como instância de investigação de ausências e angústias existenciais, tema explorado por Areias



Produtor e realizador português, Rodrigo Areias tem cerca de 150 filmes num currículo cinematográfico de quase um quarto de século

no cultuado “1960”, exibido no Cine PE, em 2014.

“O cinema como espaço de memória é uma constante no meu

trabalho, quer seja como realizador, quer seja como produtor”, explica Areias. “Quando faço um film noir ou um western, ou até um filme de época, como ‘O Pior Homem de Londres’, isso está patente. No caso específico do ‘1960’, existia uma viagem cinematográfica em cima de um diário de bordo do arquitecto Fernando Távora e os seus escritos. Em ‘NOVA ‘78’, a voz é de William S. Burroughs, um dos grandes escritores e propulsores da Beat Generation. Ele é uma absoluta referência para mim, e para a geração retratada no filme, que por sua vez é ainda mais directamente uma influência cultural. Por exemplo, vemos no palco John Cage e Merce Cunningham ou Patti Smith ou Laurie Anderson, mas, no público, reconhecemos Thurston Moore dos Sonic Youth ou John Lurie dos Lounge Lizzards, que por sua vez é o técnico de som deste arquivo”.

Locarno ajudou a consagrar Areias como uma das grifes mais criativas da Península Ibérica nas experiências autorais do audio-

visual. Grife que já soma quase 25 anos de inquietação e sucesso, somando em seu currículo uma invejável marca de 150 filmes executados ao longo de duas décadas e meia. Seu histórico atrás das câmeras inclui produções cultuadas como “Estrada de Palha”, faroeste laureado pelo Júri Ecumênico nas telas tchecas do Festival de Karlovy Vary, em 2012, e “Hálito Azul”, lançado no Brasil em 2020.

“Um festival como Locarno simboliza liberdade. É um festival de grande dimensão e projecção internacional que mantém um princípio autoral e espaço para filmes mais radicais e mais fora do algoritmo que nos irá aprisionar a todos mais cedo ou mais tarde. É, por isso, um parceiro activo na luta contra a formatação a que o cinema está cada vez mais a ser sujeito”, diz Areias, que em “NOVA ‘78” relembra um contratempo da Nova Convention.

Seus organizadores anunciaram a presença de Keith Richards, o que fez os ingressos se esgotarem num estalar de dedos, no entanto, o cancelamento de última hora do rolling stone causou oscilação no humor da plateia.

“O material do filme chegou até mim por parte do detentor do arquivo, Aaron Brookner, meu codiretor. Ele está a trabalhar os arquivos do seu tio Howard Brookner há mais de uma década, e eu conhecia parte deles. Em Janeiro de 2022, depois de acharem que não haveria mais nada para descobrir, surgem mais 40 rolos de película nunca antes vista”, lembra o cineasta, que produziu o longa brasileiro “Cinco da Tarde” (2023), de Eduardo Nunes.

No posto de realizador, Areias está a acabar um novo documentário, rodado em Super-8, em torno de tradições orais da periferia europeia.

“Filmei na Islândia, Lapónia, Ucrânia (durante a guerra), Sardenha e Portugal”, diz ele, que tem ainda uma ficção para rodar “É uma adaptação de dois contos de Gonçalo M. Tavares que terá Aki Kaurismaki como produtor associado”.

Locarno termina neste sábado.

CRÍTICA / FILME / FALE COMIGO

Divulgação

A mão que balança a tela

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Depois do fenômeno “Tudo em Todo Lugar Ao Mesmo Tempo”, laureado com o Oscar de Melhor Filme lá em 2023, cresceu a procura por longas-metragens com a estética TikTok, ou seja, cortes mais rápidos do que o Flash, com viradas de roteiro a cada segundo, porém com atenta concentração dedicada a dilemas juvenis. São novos (os) tempos. Com eles nascem novas linhagens de se narrar, o que abre espaço para produções de pequeníssimo porte, como o terror anglo-australiano “Fale Comigo” (“Talk To

Me”), brilharem. Orçado em cerca de US\$ 4,5 milhões, esse thriller sobrenatural teve um faturamento de US\$ 92 milhões mundo afora, além de ter conquistado vitrine nobre na programação da Berlinale, na capital alemã.

É possível conferi-lo em telona no Rio, neste sábado, às 18h, no Festival de Cinema Australiano, no CineCarioca José Wilker, em Laranjeiras. No mesmo dia tem “Better Man”, às 14h. No domingo, rolam “Casamento Australiano” e “Furiosa: Uma Saga Mad Max”.

O evento é seminal para o entendimento das estéticas do chamado Novíssimo Mundo, pátria de Peter Weir, de Jennifer Kent,



Ao apertar a mão do demo, uma jovem acaba condenada ao tormento do Além no longa ‘Fale Comigo’

de Shannon Murphy, de Justin Kurzel. Não se abrem as veias estéticas de uma nação ignorando suas investidas em filões de gênero. Daí a presença, mais do que sabia, de “Talk To Me”, um estudo sobre comunicações profanas com mortos, estruturado sob a direção dos

Youtubers (e gêmeos) Danny e Michael Philippou. Eles não se avexam de usar jump scares, a técnica histórica (hoje patrulhada pelo mimimi do politicamente correto) de fazer a plateia saltar das cadeiras ao topar com o Demo – ou assassinos armados.

O elemento que causa medo na trama rodada pelos irmãos Phillipou é uma estatueta em forma de mão. Trata-se de um patuá supostamente produzido a partir de um pu-

nho embalsamado. Quem a aperta e diz o imperativo “Fala comigo” abre um portal para espíritos, quase sempre maus. O erro da jovem Mia (vivida pela ótima Sophie Wilde) é fazer esse ritual sem ter feito as pazes com seu inconsciente acerca da morte misteriosa de sua mãe. O que vai sair das incursões dela ao Além é tenebroso, e clama por sangue. Trata-se de uma eletrizante atualização dos códigos do horror juvenil, com uma edição enervante.

CRÍTICA / FILME / CORRA QUE A POLÍCIA VEM AÍ!

Algemas do riso

Autêntico Didi Mocó do combate ao crime, o policial Frank Drebin Jr. tem o intestino frouxo. Solta pum em horas solenes e não segura a barriga quando está em diligências pelas ruas. O lado escatológico de sua cruzada contra o crime poderia tornar “Corra Que A Polícia Vem Aí!” (“The Naked Gun”) um fedorento exercício de mau gosto, mas, diante da patrulha moral que sucateou a comédia, nos Estados Unidos, suas imposturas podem muito bem ser lidas como um ato de rebeldia.

Seu diretor, Akiva Schaffer

(egresso de “Tico e Teco: Defensores da Lei”), consegue fazer de uma narrativa curtinha – tem 1h25’ – uma apoteose para incorreções políticas, sem jamais resvalar no desrespeito. É livre... e leve..., mas tem responsabilidade.

Liam Neeson, seu protagonista, não estaria ali se não houvesse atenção às urgências sociais da arte, e ele se esbalda... e nos esbalda de rir. Dublado com genialidade por Armando Tiraboschi, o ator irlandês faz jus ao “Corra...” original, de 1988, com o gaiato Leslie Nielsen (1926-2010), que pode



Paramount Pictures

Frank Drebin Jr. (Neeson) e a escritora Beth (Pamela Anderson) temperam um peru nas sequências de duplo sentido de ‘Corra Que a Polícia Vem Aí’

ser visto na Netflix. As partes II (1991) e III (1994) tão lá.

Leslie aparece num retrato. É o pai de Drebin Jr. Esse tira trapalhão anda na cola de um assassinato suspeito, que pode estar associado a um clube para milionários do magnata Richard Cane (Danny Huston). Existe uma trama de

Cane em curso, para manipular o humor da população, ampliando o que existe de animalesco no povo, de modo a produzir assassinos.

Esse complô vai sendo revelado conforme o personagem de Liam segue a irmã do morto, a escritora Beth Davenport, papel que extrai uma atuação inspirada de

Pamela Anderson. Há uma química covalente contagiante entre ambos, sobretudo na sequência em que um bandido espia os dois de longe.

Entre galhofas nada comportadas, o longa abre uma discussão sobre valores heroicos perdidos, com Liam a brilhar. (R.F.)

ENTREVISTA / FELIPE LIMA, PRODUTOR

'Gosto da ideia de fazer algo 'novo', mesmo que parta de uma obra pré-existente'

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Felipe Heráclito Lima tem nome de barão do Império. Mas como nome não é vocação e nem talento é um produtor contemporâneo, com um desfile de espetáculos totalmente diferente do que se vê na cena teatral, além de serem totalmente diferentes entre si. Um verdadeiro show runner, aquele é o produtor, mas também o criativo.

Com quase 15 anos de carreira como produtor cultural, Felipe Lima já se firmou como um dos nomes mais inquietos do teatro brasileiro. Ex-ator, descobriu nos bastidores sua verdadeira vocação: idealizar e viabilizar espetáculos que unem força artística e excelência de produção. No currículo, assina sucessos como "Ficções" e "Dogville", que conquistaram público e crítica. Agora, ele chega ao Rio com mais um projeto de sucesso absoluto: "Clara Nunes, a tal guerreira", peça que mergulha na trajetória e na música de uma das maiores intérpretes do Brasil.

Nascido e criado no Rio de Janeiro, Felipe começou a carreira nos palcos, mas logo percebeu que sua energia criativa se realizava mais plenamente na produção. Seu olhar como ex-ator traz um diferencial: a capacidade de compreender as necessidades da equipe artística com sensibilidade e objetividade.

Felipe também é conhecido pela habilidade em formar equipes

coesas. Prefere projetos nos quais pode escolher a dedo seus colaboradores, buscando sempre sintonia de pensamento e paixão pelo trabalho. Essa visão, aliada a um planejamento rigoroso, tem feito suas montagens circularem com sucesso pelo Brasil, conquistando não apenas plateias, mas também temporadas prolongadas e prêmios.

Para ele, cada produção é uma experiência única — um encontro entre arte, técnica e emoção. Não à toa, suas peças costumam deixar o público com a sensação de ter vivido algo maior do que um simples espetáculo: uma verdadeira imersão no universo criado em cena.

Como aconteceu sua transição de ator para produtor?

Felipe Lima - Aconteceu de forma muito natural, orgânica. Em 2018, eu estava no meio de um processo em que atuava e produzia e, faltando cinco semanas para estrear a peça, percebi que não estava feliz.

O que te fez perceber isso?

Comecei a me questionar sobre a profissão, sobre as minhas escolhas. Num dado momento, entendi que não tinha prazer no ofício como ator, mas sim como idealizador cultural e produtor.

Ter começado como ator ajudou nessa mudança?

Muito. Ter iniciado como ator me deu uma visão mais sensível sobre o trabalho de empreendedor cultural. O desejo artístico fala mais alto sempre que penso em

Montenegro Talents/Divulgação



“Num dado momento, entendi que não tinha prazer no ofício como ator, mas sim como idealizador cultural e produtor”

realizar um novo projeto.

De onde costumam vir as ideias para suas produções?

Normalmente, de mim mesmo. Foram poucas as vezes em que produzi algo que não partisse do meu desejo artístico — seja de encenar uma peça que li ou assisti, ou de adaptar um livro ou filme para o teatro.

Você prefere projetos inéditos?

Sim. Gosto da ideia de fazer algo “novo”, mesmo que parta de uma obra pré-existente. Parte da alegria é escolher a equipe com quem vou trabalhar.

E como se dá essa escolha de equipe?

Dialogo muito com os parceiros para decidir, em comum acordo, quem vamos chamar para o projeto: autor, diretor, atores, cenógrafos, figurinistas... É um trabalho coletivo.

Por ter sido ator, você interfere no trabalho artístico?

Não diria interferir, mas colaborar. Existem diretores e autores mais abertos à colaboração e outros menos. Gosto de trocar, ouvir e ser ouvido.

E se não houver essa troca?

Para mim, não faz o menor sentido. É essencial que haja essa abertura.

E depois de Clara Nunes, o que vem?

Tenho três projetos previstos para estrear no ano que vem. Mas, por contrato, ainda não posso revelar.

SERVIÇO

CLARA NUNES - A TAL GUERREIRA

Cidade das Artes – Grande Sala (Av. das Américas, 5300 - Barra da Tijuca)

Até 31/8, sextas (20h), sábados (16h e 20h) e domingos (15h e 19h) | Ingressos a partir de R\$ 45 e R\$ 22,50 (meia)

CRÍTICA / TEATRO / PERDOA-ME POR ME TRAÍRES

Me perdoa por te amares assim

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Desde o primeiro instante, o espetáculo “Perdoa-me por me traíres”, em cartaz na Casa de Cultura Laura Alvim, nos mergulha num paradoxo visceral: em Nelson Rodrigues, o amor é força avassaladora capaz de levar o sujeito à submissão mais humilhante. É o amor que se alimenta do próprio veneno — que se curva, se rebaixa e, ainda assim, não deixa de desejar.

O que vemos no palco é um universo tingido de vermelho. Os figurinos, com exceção dos uniformes das duas personagens adolescentes, obedecem a uma paleta rubra que não se limita a ser escolha estética: é metáfora viva, explosão de sangue e pulsão, marca de violência e desejo. O cenário, inspirado em O Desvio para o Vermelho, de Cildo



Meireles, cria um espaço saturado e inquietante, onde cada objeto respira a tensão entre paixão e morte.

A trilha sonora, com clássicos de Chico Buarque, dialoga com falas e silêncios, criando camadas de emoção que intensificam a

culpa, o luto e o erotismo reprimido. Canções conhecidas se transformam em comentários sobre a ação, como se a própria música fosse personagem — cúmplice e acusadora.

No centro da trama está Glorinha, adolescente que decide se prostituir para vingar a morte da mãe. Vivendo com os tios Raul e Odete, acredita que a mãe se suicidou e que o pai enlouqueceu. Ao entrar para um bordel, desafia a vigilância obsessiva de Raul — e a verdade sobre sua origem vem à tona.

O texto, escrito em 1957 e ainda atual, expõe temas como feminicídio, prostituição de menores, hipocrisia social e aborto clandestino. O impacto vem do choque entre a violência explícita e a fragilidade afetiva dos personagens, fazendo o público oscilar entre repulsa e compaixão. No final, permanece um gosto amargo: o perdão em Nelson Rodrigues nunca é inocente, e a reconciliação, se existe, vem impregnada de mágoa.

Escrito em 1957, o texto de Nelson Rodrigues segue atual

SERVIÇO

PERDOA-ME POR ME TRAÍRES

Casa de Cultura Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176 – Ipanema)

Até 31/8, sextas e sábados (19h30) e domingos (18h30)

Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

Influência de Rita

Numa grande homenagem à cantora e compositora Rita Lee, a In Cena Produções encena “República Lee – Um Musical ao Som de Rita” no Rio, depois de sucesso de público e indicações a prêmios na capital paulista. Com texto e direção de Tauã Delmiro, a comédia não-biográfica faz curta temporada no Teatro dos 4, com sessões às terças e quartas, às 20h. Idealizado por Cella Bártholo, o espetáculo é embalado por clássicos do repertório de Rita como “Agora Só Falta Você”, “Nem Luxo, Nem Lixo” e “Desculpe o Auê”.

Gabé/Divulgação



Camadas emocionais

O monólogo “Absolvição”, com Andriu Freitas e direção de Daniel Herz, entra em sua última semana em cartaz no Centro Cultural do Poder Judiciário do Rio (CCPJ-RJ). A peça apresenta as confissões de um homem que caça abusadores infantis para fazer justiça pelas próprias mãos. O texto do dramaturgo irlandês Owen O’Neill, traduzido por Diego Teza, questiona os limites entre ética e justiça através de uma narrativa de saltos temporais que revelam as camadas emocionais de um protagonista atormentado. Segundas e quartas, às 18h30. Grátis.



Marisa para miúdos

A EcoVilla Ri Happy recebe neste sábado (16), às 9h30, mais uma edição do Sábado Musical com homenagem à cantora Marisa Monte. O projeto, conduzido pela atriz e cantora Julia Ludolf, apresenta sucessos da MPB para crianças e adultos através de teatro, brincadeiras e música. A programação inclui clássicos do repertório da cantora e compositora como “Bem Que Se Quis”, “Beija Eu” e “Ainda Lembro”, misturando arte e pedagogia para fomentar a cultura brasileira. O evento busca aproximar diferentes gerações da música popular brasileira de forma lúdica e educativa.

EVENTO**ENCONTRO DE JONGUEIROS**

*Lideranças quilombolas dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo promovem neste fim de semana rodas de jongo, shows de samba, oficinas com mestres, seminário e exposição fotográfica sobre esta rica tradição cultural afrobrasileira. Sex e sáb (15 e 16), a partir das 10h. Praça Tiradentes. Grátis

FEIRA DAS YABÁS

*A tradicional feira de Oswaldo Cruz promove edição especial no Centro reunindo gastronomia de sabores ancestrais, samba de raiz e moda e artesanato de empreendedores populares num autêntico 'hub preto'. Sáb (16h), 13h às 20h. CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis, com retirada de ingressos no site do CCBB RJ.

SHOW**QUARTETO METACÚSTICO**

*O espetáculo "Metamorfose" homenageia o grupo estadunidense Turtle Island String Quartet que representou um marco na história dos quartetos de cordas na década de 1980. Sex (15), às 19h. Espaço Cultural BNDES (Av. Chile, 100 - Centro). Grátis

OTÁVIO CASTRO

*Músico reconhecido internacionalmente, o gaitista apresenta temas de seu trabalho autoral que transita pelo jazz, pelo blues e pela bossa nova. Sáb (16), às 21h30. Beco das Garrafas (Rua Duvivier, 37 - Copacabana). R\$ 60

RICKY VALLEN

*O cantor retorna aos palcos cariocas com o espetáculo "A Voz Mutante", com repertório renovado e clássicos da MPB que estarão no seu próximo álbum, "Meu Ponto Cardeal". Sex (15), às 19h30. Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia). Entre R\$ 50 e R\$ 130

TEATRO**A LUA VEM DA ÁSIA**

*Mergulho cênico de Chico Díaz no universo do romancista e cronista Campos de Carvalho, mestre do surrealismo à brasileira. Até 31/8, sáb (20h30) e dom (19h30). Teatro Vannucci (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52 - 3º andar). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)



Encontro de Jongueiros

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Annelize Tozetto/Festival de Curitiba



O Céu da Língua

HAIR

*Versão brasileira do consagrado musical apresenta sucessos como "Aquarius" e "Let the Sunshine In". Até 21/9, qui e sex (20h), sáb (16h e 20h) e dom (15h). Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 38). A partir de R\$ 50

O CÉU DA LÍNGUA

*Gregório Duvivier declara seu amor à nossa língua com erudição e humor. Até 31/8, qui a sáb (19h) e dom (16h). Teatro Casa Grande (Av. Afrânio de Melo Franco, 291). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

SIMPLESMENTE EU, CLARICE LISPECTOR

*Beth Goulart adentra o universo da autora. Até 31/8, sex e sáb (20h) e dom (19h). Teatro Fashion Mall (Estr. da Gávea, 899). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

Divulgação



Galeria Provisória

Luiza Reis/Divulgação



Quarteto Metacústico

Divulgação



Rick Valen

SELVA SOLIDÃO

* Vinicius Teixeira dá vida a três personagens LGBTQIAPN. Até 24/8, sex a dom (19h). CCJF (Av. Rio Branco, 241). R\$ 20 e R\$ 10 (meia)

LAGARTIXA SEM RABO

* Uma reflexão sensível sobre o amadurecimento feminino. Até 29/8, qui e sex (20h). Teatro Glaucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde s/nº - Copacabana).

EXPOSIÇÃO**ENTRE AIYÊ E O ORUN**

* Um mergulho nos mitos da criação do mundo e da humanidade segundo as religiões de matriz africana. Até 26/10, ter a dom. Caixa Cultural (Av. Almirante Barroso, 25, Centro). Grátis

Divulgação



Ricky Valen

Anderson Baptista/Divulgação



Feira das Yabás

DO RIO A NICE

* As pontes culturais entre duas cidades por linguagens visuais e sonoras. Até 30/8, ter a sex (12h30 às 17h). Fábrica Bhering (Rua Orestes, 28, Santo Cristo). Grátis

RIO ACIMA

* Imersão na cosmologia do povo Kuikuru pelo olhar de três artistas. Até 12/10. Galeria de Arte do Sesc Niterói (Rua Padre Anchieta, 56 - São Domingos). Grátis

CORPO MANIFESTO

* Sérgio Adriano H reúne fotoperformance, escultura, pintura, instalação e vídeo. Até 15/9, ter a dom (9h às 21h). CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

FRESTAS

* A artista Renata Tassinari apresenta quatro décadas de uma trajetória dedicada à investigação das fronteiras entre pintura e escultura. Até 22/9, ter a dom (9h às 21h). Centro Cultural Banco do Brasil RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

PAISAGENS E PESSOAS

* Imagens que retratam a chegada do desenhista Jean-Baptiste Debret ao Rio nos tempos do Brasil Colonial. Até 29/9, de qua a seg. CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

HÃMXOP TUT XOP

* Exposição apresenta os trabalhos do povo Maxakali, a única etnia indígena de Minas Gerais que preserva integralmente sua língua ancestral. Até 28/9, ter a sex (10h às 18h) sáb, dom e fer (11h às 17h) Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (Rua do Catete, 179). Grátis

GALERIA PROVISÓRIA

* Anderson Thieves criou no estacionamento de um shopping ambientes cenográficos que reúnem suas obras de pop art. Seg a sáb (10h às 22h) e dom (13h às 21h). Via Parque Shopping - Piso L2 (Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra). Grátis

INFANTIL**JORNADA DO PEQUENO PRÍNCIPE**

* Mostra imersiva no universo do escritor e aviador francês Antoine Saint-Exupéry (1900-1944) e seu mais célebre personagem. Até 22/8, seg a sex (10h às 17h). Biblioteca Parque Estadual (Av. Pres. Vargas, 1261). Grátis, com retirada de ingressos online via Sympla

MODELANDO CAMINHOS

* Adultos e crianças são convidados a refletir e criar, por modelagem, formas simbólicas de pés e calçados, representando suas próprias histórias e ancestralidades coletivas. Até 1/9. Sáb e fer (15h e 17h), Dom (11h, 15h e 17h). CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

OBI-CORAÇÃO QUE CHAMA

* Contação de histórias voltada para toda a família, que trazem conceitos ligados à exposição Ancestral: Afro-Américas. Participação por ordem de chegada. Sáb, dom e fer, às 14h. CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

Com a Marrom ninguém pode

Alcione volta ao Vivo Rio com show de lançamento de novo álbum

Vinicius Mochizuki/Divulgação

Por Affonso Nunes

Entra ano e sai ano e Alcione se consolida como um fenômeno, até na internet. A mais recente prova disso veio de sua participação no programa “Encontro”, quando suas declarações sobre fazer “uma macumbinha” para Donald Trump como uma resposta espirituosa às pesadas tarifas comerciais aplicadas ao Brasil viralizou com força nas redes sociais. Do alto de seus 76 anos, a Marrom provoca os debates mais variados e conquista novos públicos.

Mas a força comunicativa dessa artista carismática tem origem na sua popularidade como uma das mais queridas intérpretes da MPB. Seu mais recente trabalho discográfico, o álbum “Alcione” - lançado após cinco anos de espera desde “Tijolo por Tijolo” (2020) - em poucos meses ultrapassou a marca de 2 milhões de acessos nas plataformas digitais. O projeto, que leva apenas o nome da cantora, reúne inéditas, regravações e os dois singles que antecederam o lançamento do disco.

Entre as faixas de maior destaque está “Marra de Feroz”, composição de Xande de Pilares, Gilson Bernini e Helinho do Salgueiro que já acumula 1 milhão de reproduções. Crítica contundente ao machismo, a faixa ganhou videoclipe com a participação de personalidades femininas como a escritora Conceição Evaristo, a atriz Gabriela Loran, a jornalista Cláudia Di Mauro e a poeta indígena



SERVIÇO

ALCIONE

Vivo Rio (Avenida Infante Dom Henrique, 85 - Parque do Flamengo, RJ 15 e 16/8, às 21h
A partir de R\$ 80

Alcione lança seu primeiro álbum de inéditas desde 2019 e apresenta uma releitura do hit ‘Evidências’, realizando assim um desejo antigo

Márcia Kambeba, entre outras mulheres de destaque.

“Não mexe comigo”, de Inácio Rios e Igor Leal, com 554 mil acessos, tornou-se outro marco do álbum ao viralizar nas redes sociais através de uma campanha espontânea liderada por artistas como Fafá de Belém, Margareth Menezes, Ivete Sangalo, Cláudia Raia, Leci Brandão, Camila Pitanga, Regina Casé e Eliana. A canção, que aborda o universo feminino, parece espelhar a própria personalidade destemida da Loba, característica que a acompanha a artista ao longo de mais de cinco décadas de carreira.

Uma das surpresas mais celebradas do álbum é a regravação de “Evidências”, clássico de José Augusto e Paulo Sérgio Valle que acumula 350.200 reproduções e carrega uma história particular: em 2016, durante sua participação no “Domingão do Faustão”, Alcione foi convidada a cantar a música, mas admitiu não saber a letra completa. Seu improviso solfejado acabou virando meme nas redes sociais, e a cantora prometeu que um dia gravaria a canção adequadamente. Anos depois, cumpriu a promessa com uma interpretação que muitos de seus fãs já consideraram definitiva.

O repertório do novo trabalho inclui ainda “Mar de Segredos”, de Nani Palmeira e Reno Duarte, que integrou a trilha sonora da novela “Garota do Momento” e já soma 119 mil reproduções.

Para apresentar este material ao vivo, a cantora retorna ao palco do Vivo Rio nesta sexta e sábado (15 e 16), às 21h, acompanhada pela Banda do Sol. A Marrom promete equilibrar a nova safra de canções com sucessos incostestáveis de sua carreira como “Estranha Loucura”, “A Loba”, “Você Me Vira a Cabeça”, “Meu Ébano”, “Meu Vício É Você” e “Não Deixe o Samba Morrer”.

Após a apresentação no Vivo Rio, a turnê nacional segue por outras cidades brasileiras.

Encontro de sensibilidades

Thamires Mulatinho/Divulgação

Assucena e João Camarero resgatam o encanto do formato voz e violão na canção popular brasileira

Por Affonso Nunes

A emoção à flor da pele mora no encontro musical de Assucena e João Camarero que estreiam duo intimista nesta sexta e sábado (15 e 16) no Manouche. A potência poética nordestina da cantora e compositora encontra a sutileza virtuosística do violonista numa experiência musical de rara sensibilidade em que cada acorde e palavra são costurados com delicadeza e maestria, celebrando a força da canção brasileira.

A reunião dos dois músicos teve início no projeto “Contornos da Canção”, do Sesc Pompeia, em homenagem ao violão brasileiro. Juntos, revisitaram o álbum “À Flor da Pele”, de Ney Matogrosso e Raphael Rabello, descobrindo uma conexão imediata. “O sonho de toda intérprete é se encontrar com um grande musicista, um violonista



João Camarero e Assucena descobriram uma conexão musical instantânea

como João”, revela Assucena. “Poucas vezes me dei tão bem — e tão rápido — com uma intérprete. Nossa liga se deu ao violão, foi pá-

-pum”, devolve o instrumentista.

O repertório equilibra clássicos que formaram ambos os artistas com composi-

ções autorais, revelando múltiplas camadas de memória e invenção. Canções como “Modinha” (Tom Jobim/Vinícius de Moraes), “Balada de um Louco” (Rita Lee/Arnaldo Baptista), “No Rancho Fundo” (Ary Barroso/Lamartine Babo), “Duas Contas” (Garoto), “O Mundo é um Moínho” (Cartola) e “Tu me Acostumbraste” (Frank Domínguez) se entrelaçam a obras autorais dos dois artistas.

Natural do sertão baiano, Assucena conquistou reconhecimento como uma das idealizadoras da banda As Bahias e a Cozinha Mineira, com dois Prêmios da Música Brasileira e duas indicações ao Grammy Latino. Em carreira solo, lançou recentemente o álbum “Lusco-Fusco” (2023), com direção artística sua e de Céu, além de conduzir neste ano o projeto “A Canção é Urgente: Vozes LatinA-Americanas”.

Camarero figura entre os violonistas mais requisitados da música brasileira atual. Formado no Conservatório de Tatuí e na Escola Portátil de Música do Rio de Janeiro, já se apresentou em quatro continentes e colaborou com Maria Bethânia, Paulinho da Viola, Caetano Veloso e Ney Matogrosso, entre outros. Como compositor, mantém parcerias frequentes com Paulo César Pinheiro e Moacyr Luz.

SERVIÇO

ASSUCENA E JOÃO CAMARERO

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983) | 15 e 16/8, às 21h

Ingressos: R\$ 160 e R\$ 80 (meia solidário com 1kg de alimento não perecível para doação)

A mais íntima das homenagens

Bianca Gismonti lança álbum dedicado ao pai, Egberto Gismonti, no palco do Rival Petrobras

Bianca Gismonti oferece ao pai, Egberto Gismonti, a mais íntima das homenagens: interpretar sua música com a sensibilidade de quem cresceu embalada por essas composições. O Bianca Gismonti Trio apresenta neste sábado, às 19h30, o show de lançamento do álbum “Gismonti 70” no Teatro Rival Petrobras. A apresentação conta com partici-

pações especiais do saxofonista Leo Gandelman e da cantora Olivia Byington, músicos que já dividiram palcos com Egberto.

“Foi um período de intensa emoção, já que as suas composições traduzem parte da minha história pessoal. Desde o meu nascimento venho acompanhando de perto as suas infinitas sementes desabrocharem em árvores grandiosas”, conta a pianista, ao falar do processo de criação do disco. O repertório inclui clássicos como “Palhaço”, “Lôro” e “Maracatu”, interpretados pelo trio formado por Bianca Gismonti no piano e voz, Bruno Reppold no baixo e Julio Falavigna na bateria.

Leo Aversa/Divulgação



Bianca Gismonti gravou o álbum em 2018, mas pandemia atrasou a pós-produção do trabalho

O álbum foi gravado em 2018 em Budapeste, mas a pandemia adiou os planos de mixagem e lançamento. Apenas em 2024 Bianca finalizou o projeto, registrando as fotos na casa onde viveu com o pai até os 18 anos. “Eu queria que as fotos fossem feitas no ambiente onde morei com meu pai, que é o seu canto de silêncio e grandiosidade, como um museu de arte da própria vida”, explica.

Para o baterista Julio Falavigna, a conexão com a música de Gismonti vem da adolescência: “Durante minha adolescência Egberto e Hermeto eram a fonte para quem buscava caminhos criativos como compositor ou músico instrumental no Brasil”. (A.N.)

SERVIÇO

BIANCA GISMONTI TRIO

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia) | 16/8, às 19h30 | Ingressos a partir de R\$ 42

Três décadas de música, afeto e imaginação

Palavra Cantada celebra aniversário com novo espetáculo, que faz sua estreia no Qualistage

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Há mais de três décadas, a dupla formada por

Sandra Peres e Paulo Tatit constrói um legado único na cultura brasileira. Ambos nascidos em São Paulo, trazem formações e vivências musicais distintas, mas complementares.

Sandra cresceu em um ambiente onde a música era parte do cotidiano. Formada em música erudita pela Universidade de São Paulo, especializou-se em piano e teclado, acumulando experiência em concertos e projetos de música instrumental. Antes de se dedicar à Palavra Cantada, trabalhou com música para teatro, trilhas sonoras e projetos educativos, desenvolvendo um olhar sensível para a relação entre melodia e narrativa.

Paulo Tatit, por sua vez, iniciou sua trajetória como violonista e guitarrista no cenário da música popular brasileira. Atuou como compositor, arranjador e integrante de bandas, colaborando com artistas consagrados e explorando diferentes estilos, do samba ao pop. Essa versatilidade e domínio harmônico seriam fundamentais para criar a identidade sonora da dupla.

O encontro entre os dois aconteceu no início dos anos 1990, quando foram convidados para trabalhar juntos em um projeto voltado ao público infantil. A afinidade artística foi imediata. Em 1994, lançaram o primeiro álbum da Palavra Cantada, abrindo caminho para um repertório que combinaria poesia, humor e arranjos elaborados, tratando crianças como ouvintes atentos e inteligentes.

Desde então, canções como “Sopa”, “Pé com Pé”, “Criança não Trabalha” e tantas outras atravessaram gerações, tornando-se parte da memória afetiva de milhões de brasileiros.

Ao longo dos anos, a dupla expandiu seu trabalho para além dos discos e shows. Em 2011, criou um projeto pedagógico inovador,

desenvolvido em parceria com professores e pedagogos, que já alcançou mais de 1 milhão de crianças no Brasil. Em 2022, a iniciativa foi renovada para se alinhar à Base Nacional Comum Curricular, com livros e conteúdos que exploram não apenas a música, mas também diversas áreas do conhecimento, sempre de forma criativa e envolvente.

O impacto da Palavra Cantada também se traduz em números expressivos: 430 composições autorais, mais de 2 milhões de álbuns vendidos, 1 milhão de DVDs, 4 milhões de inscritos no YouTube e 3 bilhões de visualizações acumuladas — uma média de 2 milhões por dia.

Em 2025, a dupla celebra essa trajetória com o espetáculo “Palavra Cantada 30 anos”, que estreia neste domingo (17) no Qualistage, para, em seguida, percorrerá diversas cidades do país, incluindo uma apresentação confirmada no Kidzhouse Festival, em outubro, em São Paulo.

O roteiro é dividido em cinco blocos temáticos, conectando músicas novas e clássicos de forma contínua, para que o público mergulhe na história da dupla. O repertório inclui sucessos históricos e faixas do mais recente álbum, “Cenas Infantis” (2024), como “O Boi Zé Bu”, “Liberem os Brigadeiros antes dos parabéns” e “Pé no Barro”. A direção musical é de Swami Junior, e o show conta com banda completa, figurinos de Marichilene Artsevskis e iluminação de Marisa Bentivegna.

Além disso, a celebração de 30 anos do projeto inspirou uma exposição dedicada ao universo da Palavra Cantada, reunindo memórias, objetos e experiências imersivas para fãs de todas as idades.

Trinta anos depois, Sandra e Paulo seguem com a mesma energia criativa, renovando o compromisso de encantar, ensinar e emocionar. A Palavra Cantada une pais, filhos e avós numa mesma melodia. E como eles próprios dizem: festejar nunca é demais.

SERVIÇO

PALAVRA CANTADA 30 ANOS Qualistage (Av. Ayrton Senna, 3000 - Via Parque Shopping) 17/8, às 17h30 Ingressos a partir de R\$ 45



Sandra Peres e Paulo Tatit formam o Palavra Cantada

Fruto e Flor da Dinastia Gil

Neta de Gilberto Gil leva seu álbum de estreia, 'Cinema Love', ao Blue Note Rio

Por **Affonso Nunes**

Flor Gil é o mais novo fruto do clã musical liderado por Gilberto Gil a despontar no cena musical. Aos 16 anos, a cantora e compositora apresenta "Cinema Love", seu álbum de estreia, neste domingo (17), às 19h, no Blue Note Rio. Nesta terça-feira (12), o vovô Gil postou em suas redes vídeos cantando com a filha de Bela Gil para divulgar a agenda de shows da neta. "Desde pequena ela já mostra para o que veio!", gaba-se o patriarca.

"Cinema Love" apresenta uma sonoridade aveludada, algo entre a MPB e o indie na construção de uma identidade artística para

a artista poder chamar de sua. Ainda que a herança musical seja inegável, Flor caminha com autonomia criativa. Gravado em Nova York, o álbum reúne participações de artistas da novíssima MPB como Carol Biazin, Maro e Vitão, além de uma faixa com letra de Gil. O disco reúne canções em inglês e português de forma orgânica, já que a jovem foi criada entre Rio e a metrópole estadunidense. Há camadas suavemente urbanas no disco cuja proposta estética é a síntese das múltiplas influências recebidas por alguém nascido em tão ilustre dinastia musical.

A divulgação do álbum foi antecipada pelo lançamento de clipe da faixa-título. Protagonizado pela própria artista, o audiovisual mostra Flor no alto de um prédio observando a beleza noturna e as luzes das ruas da Big Aple. A cantora utiliza a peruca rosa em todas as cenas, destacando a presença do acessório que está presente na capa do disco e que re-



Flor Gil em cena do clipe da faixa-título, gravado em Nova York

presenta um alter ego. "Ela é uma parte de mim, pois além de ter a minha cor favorita, é um jeito de criar minha própria fantasia e embelezar ainda mais algumas coisas que eu gosto em mim", explica a cantora, em nota enviada por sua assessoria.

SERVIÇO

FLOR GIL - CINEMA LOVE
Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 – Copacabana)
17/8, às 19h
Ingressos esgotados

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Soul Rio Filmes



25 anos sem João

A Família Nogueira dedica a edição de A Grande Roda deste domingo (17) na Cidade das Artes ao sambista João Nogueira, morto há 25 anos. O fundador do Clube do Samba será homenageado pelo filho Diogo, que comandará a roda com participação de Sombrinha, Fundo de Quintal e grupo Bom Gosto. João criou o movimento como resistência cultural à música disco americana, reunindo grandes nomes do samba em sua casa no Méier.

Divulgação



Notas de alegria

A Banda Celebrare comemora três décadas de carreira neste sábado (16), no Qualistage. O grupo, que se autodenomina "máquina de fazer pessoas felizes", revisitará sucessos marcantes da trajetória. Cinco integrantes originais permanecem: Marco Manela, Sylvia de Galhardo, Emerson Mardhine, Claudio Gurgel e Mario Grigorowski. A banda já reuniu mais de 2,5 milhões de pessoas em apresentações pelo Brasil e exterior.

Divulgação



Comemoração

Gustavo Benjão celebra aniversário com show no Manouche neste domingo (17), às 18h. Considerado um dos músicos mais queridos do Rio, o guitarrista das bandas Abayomy Orquestra e Do Amor apresenta repertório de sua carreira, incluindo músicas autorais do EP "Hardcore Nego", gravado na pandemia, e do álbum "Axé" além de algumas releituras. Davi Moraes e Moreno Veloso participam como convidados.

Acervo de família



Em nome do pai

Kay Lyra apresenta nesta sexta (15), às 21h, no Vinicius, o espetáculo "Benção, Carlinhos Lyra" homenageando o pai, morto em 2023. Além dos clássicos do compositor, o repertório inclui clássicos da bossa nova de nomes como Tom Jobim, Vinicius de Moraes e Roberto Menescal. Acompanham a cantora João Carlos Coutinho (piano), Erivelton Martins (bateria) e Mauricio Maestro (baixo).

CRÍTICA / LIVRO / BATIDA SÓ

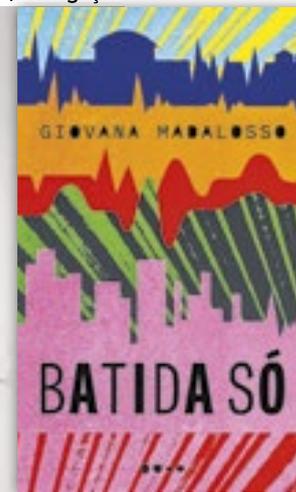
Renato Parada/Divulgação

A eterna mania de ter fé na vida

Por Olga de Mello

Especial para o Correio da Manhã

As protagonistas dos dois primeiros romances de Giovanna Madalosso guardam muitas diferenças da escritora paranaense, feminista com atividades profissionais mais criativas do que os ofícios de suas personagens. No entanto, a criatividade para sobreviver é o que move essas mulheres. Em “Tudo pode ser roubado” (Todavia, R\$ 56,90), lançado em 2018, uma garçonete dublê de ladra recebe a incumbência de roubar um exemplar de livro raro. Em “Suíte Tóquio” (Todavia, R\$ 60), de 2010, a babá Maju sequestra a pequena Cora, de quem cuida todos os dias, decidida a fazer da menina sua filha. Já Maria João, a jornalista que descobre, na meia-ida-



Giovanna Madalosso acaba de lançar 'Batida só'

de, sofrer de uma severa arritmia cardíaca em “Batida só” (Todavia, R\$ 54,90), recém-chegado às livrarias, não precisa de subterfúgios beirando a criminalidade para se sustentar.

Se Maria João é mais “parecida” com sua criadora, a saga que empreende tem semelhança com as trajetórias de suas antecessoras. As narrativas movimentadas são características de Giovanna Madalosso. Seus dois romances anteriores, ambos finalistas do Prêmio

São Paulo, tiveram direitos vendidos para o cinema. Os dez contos do primeiro livro, “A teta racional”, de 2018, exploram situações-limite e contemporâneas, mesclando doses de humor, desespero e crueldade, como a da mulher recebe a visita do pai de seu filho, fruto do sexo casual entre o casal de desconhecidos numa festa.

Em “Batida só”, a jornalista precisa fazer um cateterismo, caso os medicamentos para

o coração e para a ansiedade não melhorem seu quadro. Ela se instala na casa onde passou boa parte da infância, numa cidade do interior, trabalhando em home office e reencontrando os companheiros do passado. Quando retoma a amizade com a evangélica Sara, mãe de Nico, um menino com câncer linfático terminal, acaba acompanhando mãe e filho até o interior de Goiás, onde aceita submeter-se, ao lado do garoto, a uma operação espiritual.

Se Maria João representa as mulheres urbanas da atualidade, amedrontada diante da própria mortalidade, Sara é a evangélica cuja genuína fé não se curva às necessidades pessoais. Sexualmente livre, Sara espera seduzir um homem rico para custear o tratamento do filho. Maria João, atea, não questiona a crença dos que procuram a cura espiritual. Não existe embate entre os credos – o materialismo e a espiritualidade. Só há a convivência da vida com a finitude.

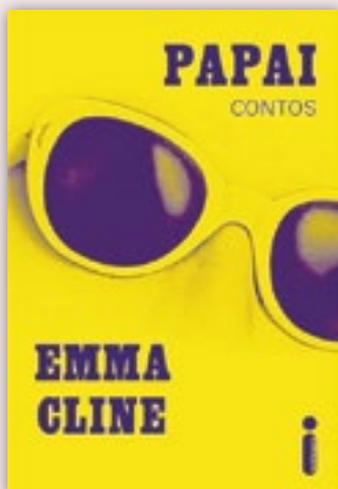
NA ESTANTE

POR OLGA DE MELLO

Na maré oposta

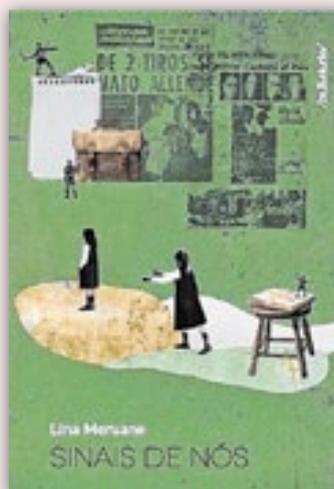
“Papai” (Intrínseca, R\$ 69,90), da norte-americana Emma Cline vai contra a maré da ficção identitária do momento. Não há defesa contundente de etnias, nem libelos contra o machismo. O desalento é a principal característica dos personagens de Cline, que são brancos, boa parte vive na Califórnia, vêm de diversas camadas

sociais e estão enfrentando momentos de dificuldade ou descoberta. A solidão é a maior companheira dessas pessoas em busca de sentido na vida, que sofrem com o fim da ingenuidade, choques culturais e a falta de entendimento entre as famílias, à medida que os filhos se tornam adultos.



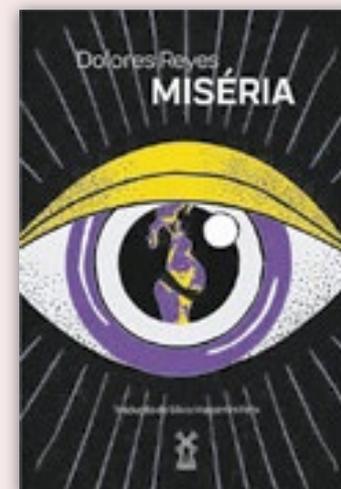
Memórias do arbítrio

“Sinais de nós” (Relicário, R\$ 59,90), da chilena Lina Meruane, é mais um bom título da coleção Nos. Outras, que reúne reflexões de pensadoras latino-americanas. A autora lembra sua infância no Chile sob Pinochet, quando seus colegas do colégio britânico para crianças de classe média alta abandonam os estudos – por falta de recursos para pagar a escola ou problemas políticos das famílias. A violência “sem nos tocar, sem ferir os nossos” atinge até quem não se considera conivente com a ditadura.



Destino desafiado

“Miséria” (Moinhos, R\$ 69,90), da argentina Dolores Reyes, continua a saga da personagem Cometera, protagonista de seu romance de estreia. Miséria é uma jovem otimista, grávida do companheiro Walter, irmão de Cometera, que tem o dom de localizar o paradeiro de corpos de desaparecidos políticos, ingerindo terra. Cometera foge de seu próprio destino, escondendo suas habilidades dos novos vizinhos, pois sofre ao se deparar com a realidade. Alternando as narrações das duas mulheres, a autora levanta o quanto as perseguições políticas abalaram inocentes e militantes.



Praia &
serra &
hotéis
sesc RJ
& você

Entre um
pôr do sol e outro,
você merece
muito conforto.

CONHEÇA OS HOTÉIS SESC RJ.

Hospede-se com
20% de desconto*
em reservas individuais.

Utilize o cupom

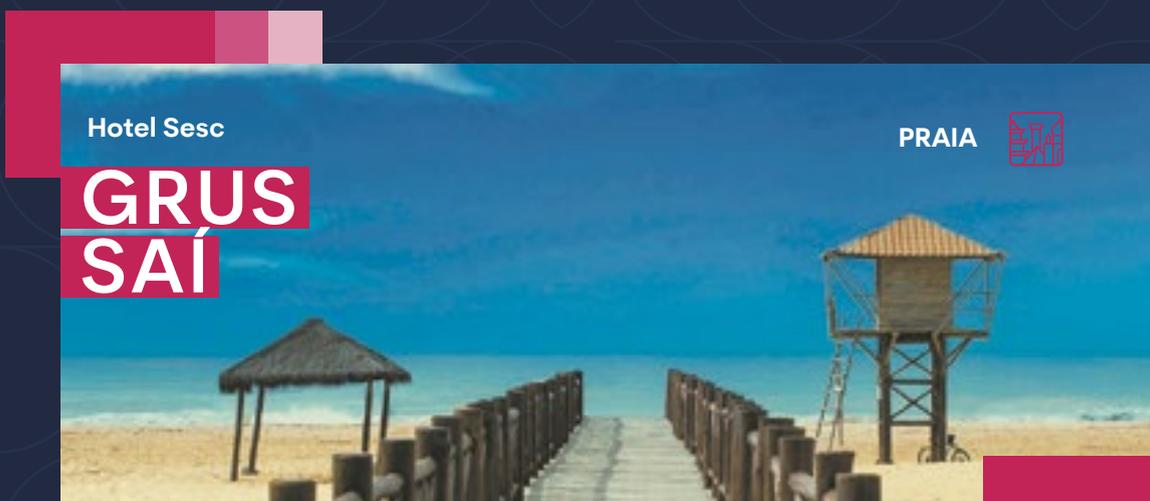
agosto20

Diárias a partir de
R\$ 167,00, em até
10x sem juros.



DESCUBRA TODOS OS ENCANTOS
DA REDE DE HOTÉIS SESC RJ.

*Promoção válida para reservas de 1/8/2025 a 31/8/2025 para todas as
categorias de usuários. Vagas limitadas e apenas para reservas diretas.



Reservas: (21) 4020-2101

@sescrj



Tesouro Mineiro

Divulgação



SEM CULPA GASTRONOMIA

Divulgação



MOMENTO BENDITO

Tomás Rangel/Divulgação



EMPÓRIO JARDIM

Veja um roteiro para comemorar o Dia do Pão de Queijo

Por **Natasha Sobrinho**

(@restaurants_to_love)

Especial para o Correio da Manhã

Quentinho, dourado e com aquele cheirinho inconfundível, o pão de queijo é muito mais que um simples lanche, é memória afetiva, é encontro de família, é pausa gostosa no dia corrido. Nascido em Minas Gerais, esse tesouro da culinária brasileira conquistou corações e mesas no país inteiro. Seja no café da manhã, no lanche da tarde ou acompanhado de um bom café, ele sempre chega trazendo conforto e sorrisos. Convidamos você a celebrar esse ícone nacional, que no próximo dia 17 tem um dia só dele, a se permitir mais um (ou dois... ou três) pãezinhos de queijo. Confira nosso roteiro redondinho abaixo:

DIANNA BAKERY – A casa, localizada na Tijuca, oferece em seu cardápio o pão de tapioca com queijo (R\$ 6 - unidade), para quem quiser há ainda sugestão com molho de goiabada (R\$ 26 - 4 unidades). Rua Dona Delfina, 14. WhatsApp: (21) 97970-6388.

DIDA – No bar e restaurante, a tradição mineira ganha um toque criativo com a Pipoca de Pão de Queijo (R\$ 32 - 16 unidades). Um clássico reinventado: os pãezinhos de queijo são servidos em versão frita, resultando em petiscos dourados por fora, macios por dentro e com aquele sabor que acolhe. Rua Barão de Iguatemi, 379 - Praça da Bandeira. Tel: (21) 2504-0841.

EMPÓRIO JARDIM - A chef Paula Prandini criou para o bistrô uma versão de pão de queijo gruyère (R\$ 19,50 - 3 unidades), leve e saboroso. Rua Visconde da Graça, 51 - Jardim Botânico. Tel: (21) 2535-9862.

ESPERANÇA.ECO - Localizado em Laranjeiras, o restaurante da chef Verônica

Divulgação



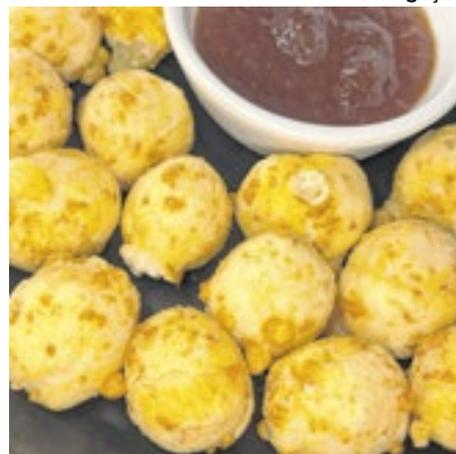
LE DÉPANNEUR

Divulgação



DIANNA BAKERY

Divulgação



DIDA

Santiago Harte/Divulgação



ESPERANÇA.ECO

Rodrigo Azevedo/Divulgação



SURU BAR

Moreira oferece versões do pão de queijo feito na casa com legítima receita mineira, crocante por fora e macio por dentro. Com fornadas frescas pela manhã e tarde, os clientes podem optar pela unidade do salgado, chamado de "lanchão" (R\$ 7), ou com requeijão na chapa (R\$ 15), e ainda na versão 'coquetel', com 6 unidades (R\$ 13) ou 12 (R\$ 16). Rua General Glicério 224, loja D - Laranjeiras. Tel: (21) 97134-7945.

LE DÉPANNEUR - Em todas as unidades da delicatessen carioca é possível encontrar no cardápio o pão de queijo tradicional (6 unidades - R\$ 16,80) e o pão de queijo recheado com requeijão (6 unidades - R\$ 21,90). Rua Voluntários da Pátria, 86 Loja A/B - Botafogo. Tel: (21) 2245-6547.

MOMENTO BENDITO - Entre as opções de pão de queijo servidos na casa, destaque para o pão de queijo Caprese, com queijo minas ou muçarela, tomate cereja e manjeriçã (R\$ 20,90). E para quem prefere um docinho, a pedida é o pão de queijo com recheio de doce de leite (R\$ 15,90). Av. Ataulfo de Paiva, 375 - Leblon. Tel: (21) 97692-8934.

SEM CULPA GASTRONOMIA - Na casa, o pão de queijo é elaborado com técnicas artesanais e feito com queijo minas padrão e parmesão zero lactose e mix de polvilhos especiais. Entre as opções oferecidas estão: a versão clássica sem lactose (R\$ 10), o pão de queijo recheado com catupiry zero lactose (R\$ 15) ou pão de queijo recheado com doce de leite zero lactose (R\$ 15). Rua Governador Irineu Bornhausen loja r1 - Largo do Machado. Tel: (21) 99933-8118.

SURU BAR - No menu do bar, entre os petiscos mais pedidos está o pão de queijo frito feito com massa com queijo canastra e provolone, servido com melão picante (R\$ 27 - 6 unidades). Rua da Lapa, 151. Lapa. Tel: (21) 97986-5715.

Museu a céu aberto

Arte e música ocupam o Panteão da Pátria, na Praça dos Três Poderes, nesta sexta-feira

Por Mayariane Castro

O Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, localizado na Praça dos Três Poderes, em Brasília, será transformado em uma galeria digital ao ar livre no dia 15 de agosto de 2025.

A ação integra a edição 2025 do projeto Brasília Museu Aberto, que neste ano adota o tema “Brasilidades” e combina projeções mapeadas de obras de arte com uma apresentação gratuita da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Claudio Santoro.

A programação começa com projeções de obras de artistas visuais brasileiros, que serão exibidas na fachada do monumento, e culmina com a execução de um repertório dedicado à música brasileira, clássica e popular,



A fachada do Panteão torna-se tela para a exposição

Divulgação

pela orquestra, sob a regência do maestro Claudio Cohen.

Acesso à arte

A iniciativa busca promover o acesso público à arte e à música por meio da ocupação simbólica de um dos espaços mais emblemáticos da capital federal.

Idealizado por Danielle Athayde, o Brasília Museu Aberto foi criado em 2020 com o objetivo de tornar a arte mais acessível à população, especialmente durante o período de distanciamento social imposto pela pandemia de covid-19.

Desde então, o projeto tem promovido apresentações visuais por meio de projeções em edifícios icônicos e monumentos da cidade, além de programações educativas e culturais paralelas ao evento.

De Villa-Lobos a Luiz Gonzaga

Regida por Claudio Cohen, orquestra encerrará a festa

A apresentação da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional contará com 60 músicos e terá um repertório exclusivamente brasileiro. Serão interpretadas composições clássicas, como as “Bachianas Brasileiras”, de Heitor Villa-Lobos, “O Guarani”, de Carlos Gomes, e obras populares como “Aquarela do Brasil”, de Ary Barroso, além de temas de Luiz Gonzaga e sucessos da Legião Urbana.

De acordo com o maestro

Claudio Cohen, a proposta da apresentação é criar uma trilha sonora que complemente e amplifique a experiência visual proporcionada pelas projeções artísticas.

Neste ano, o evento presta homenagem a cinco nomes considerados fundamentais para o desenvolvimento das artes visuais e da produção cultural no Brasil: Francisco Galeno, Orlando Brito, Vladimir Carvalho, Paulo Iolovichti e Marlene Go-



Johnson Barros

Danielle idealizou o projeto durante a pandemia

doy. Os artistas homenageados representam diversas linguagens e trajetórias, tendo em comum a ligação com Brasília e a contribuição para a construção da identidade visual e simbólica da cultura brasileira.

Brasília Museu Aberto

O Brasília Museu Aberto surgiu em 2020, no contexto da pandemia de Covid-19. A

primeira edição foi realizada no Congresso Nacional, em comemoração aos 60 anos de Brasília, com projeções artísticas voltadas à população em um formato acessível e adaptado ao distanciamento social. O projeto também contou com exposições online e conteúdos educativos.

Nas edições seguintes, o projeto expandiu-se para outras regiões administrativas do Distrito

Federal. Em 2021, houve apresentações na Casa do Cantador (Ceilândia), no Museu Histórico e Artístico de Planaltina e no Museu Nacional da República. A edição também incluiu debates virtuais sobre patrimônio cultural e cidadania.

Em 2022, o projeto voltou ao formato presencial, com atividades concentradas no Panteão da Pátria e no Museu de Arte de Brasília. O encerramento ocorreu na cúpula do Museu Nacional da República. A partir dessas ações, o Brasília Museu Aberto consolidou-se como uma das principais iniciativas de arte pública da capital federal.

O projeto tem reunido obras de artistas reconhecidos nacional e internacionalmente, como Tarsila do Amaral, Siron Franco, Burle Marx, além de representantes da nova geração da arte brasiliense. A curadoria das edições tem buscado valorizar a diversidade de linguagens.

CULTURAL

Oficinas

*Em agosto, o grupo de mulheres “As Fulô do Cerrado”, realiza o projeto “Tem Brincante no Cerrado”, com oficinas gratuitas de danças e brincadeiras da cultura popular brasileira. Neste sábado (16), às 14h, o evento ocorre no Mercado Sul, em Taguatinga. Já no Domingo (17), no mesmo horário, o agito está marcado no Céu das Artes que fica em Recanto das Emas. Participação gratuita.

Uma xícara, por favor

*O já conhecido pelos brasilienses, “Ernesto Cafés Especiais”, abre uma nova unidade. Desta vez, o local se instala na Caixa Cultural, a partir desta sexta-feira (15), com funcionamento de 8h às 20h. O cardápio da nova unidade será o mesmo, unindo uma seleção variada de cafés, lanches, almoço, sobremesas, drinks e bebidas para todos os gostos.

Música em forma

*Brasília estreia, pela primeira vez, o espetáculo “Uma CHICA – Daniela Mercury interpreta Chico Buarque” na Caixa Cultural, entre os dias 15 e 17 de agosto. Em formato acústico, o show contará com a participação especial de Gabriel Mercury, filho da cantora. Os ingressos são a partir de R\$15 e estão disponíveis na bilheteria do teatro.

Festival Convergências

*De 18 a 21 de agosto, o Centro Cultural Banco do Brasil, será palco de mais um programa da “Temporadas França-Brasil”, iniciativa que promove intercâmbio cultural entre os dois países. A programação do “Festival Convergências” inclui shows de Angélique Kidjo, Aluminé, Ronisia e Songe, além da exposição Nego Fugido, espetáculos circenses, fóruns de debate e mentorias. A entrada é gratuita mediante retirada de ingressos na plataforma oficial.

Teatro infantil

*A Cia de Teatro Néia e Nando, apresenta, nesta quarta-feira (20), o espetáculo do Rei Leão. A peça acontecerá no Salão de Múltiplas Funções do Guará, às 19h30. Os ingressos podem ser retirados, gratuitamente, na internet ou na unidades do Sesi-DF. Crianças até 3 anos não precisam de bilhete. Observação: Ingresso Social mediante a doação de 02 (dois) itens de limpeza, entre



Quadrilha Junina Sabugo de Milho, renomada no DF

Um DF de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM

Davi Mello rd



As Fulô do Cerrado ofertam oficinas gratuitas

sabão em barra (pacote com cinco unidades), sabão em pó de no mínimo 800 gramas, água sanitária de 2 litros ou desinfetante de 1 litro.

Conscientização

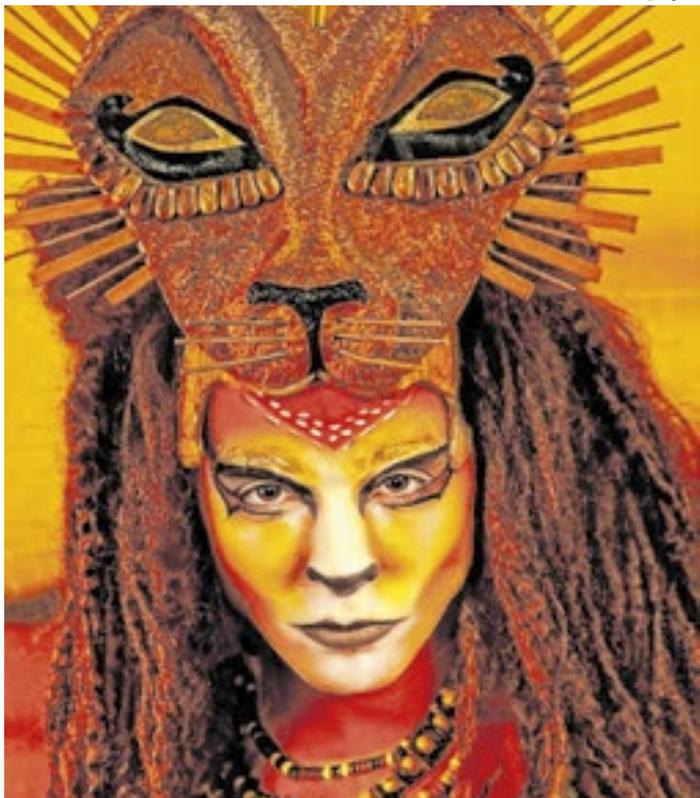
*Em cartaz até 7 de setembro no Sesi Lab, em Brasília, a mostra “Energia, Sou Watt?” convida o público a refletir sobre o papel de cada um no enfrentamento das mudanças climáticas. A exposição interativa desafia visitantes a tomar decisões estratégicas sobre o futuro energético, equilibrando demandas sociais, econômicas e ambientais, com orientação de especialistas e representantes da sociedade civil. O projeto também faz parte da “Temporada França-Brasil” e integra uma programação extensa.

Divulgação



Parceria entre Brasil e França avança

Divulgação



Cia de Teatro Neia e Nando traz nova peça

José Cruz/Agência Brasil



Latinidades no Museu Nacional

Museu Nacional

✦ Até 24 de agosto, o Museu Nacional da República, em Brasília, exibe a mostra "Alumbramento", sob curadoria de Nathalia Grilo e integrante da 18ª edição do Festival Latinidades. A exposição reúne obras e intervenções de artistas como Antonio Obá, Lucia Laguna, Antonio Bandeira e Oswaldo Guayasamín, propondo uma experiência imersiva que conecta criação, espiritualidade, território e resistência.

Arte urbana

✦ Até o dia 24 de agosto, o "Festival de Arte Urbana Vulica Brasil" estará na capital. O encontro internacional de arte urbana irá transformar os murais espaços do Conic e do Setor Comercial Sul. Além disso, os encontros contam

com oficinas, bate-papos, apresentações musicas e ações ambientais e sociais.

Agosto junino

✦ A Festa Junina não acabou no DF! Nos dias 15, 16 e 17 de agosto, a partir das 18h, o "Distrito Junino" irá se reunir na Praça do Trabalhador, em Ceilândia. Vai ter apresentações de quadrilhas, forró e muita comida típica.

Festival CoMA

✦ Entre os dias 16 e 24 de agosto, Brasília será palco da 8ª edição do Festival CoMA – Consciência, Música e Arte, que acontece no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB Brasília). A exemplo de 2024, o evento se estende por dois finais de semana e conta com o tradicional CoMA em Família, nos dias 16 e

Isis Aisha/Sesi Lab



Nova unidade do Ernesto Cafés Especiais

Isis Aisha/Sesi Lab



Sesi Lab recebe nova exposição

17, a partir das 10h, com entrada gratuita. Os ingressos podem ser retirados gratuitamente pelo site festivalcoma.com.br/ingressos, ficando disponíveis sempre um dia antes de cada atividade. Com classificação livre, o CoMA em Família oferece uma programação pensada para todas as idades, reunindo oficinas, espetáculos, atividades culturais e três feiras temáticas voltadas à valorização da diversidade. Mais informações estão disponíveis no site e na bilheteria do CCBB.

Raízes musicais

✦ Em meio a um cenário em que os palcos muitas vezes priorizam modismos e a essência da música é ofuscada, Brasília ganha novo fôlego com o Projeto Raízes Musicais. Idealizado pelo maestro Rênio Quintas, o projeto destaca artistas com trajetórias sólidas no Brasil e no exterior, mas que ainda enfrentam desafios para se apresentarem em sua própria cidade. Após a estreia com Alberto Salgado, o Teatro dos Bancários recebe, no dia 15 de agosto (sexta-feira), o segundo show da temporada: Célia Porto ao lado do Rênio Quintas Trio, em uma noite dedicada à música brasileira em sua expressão mais autêntica. Com apresentações mensais até dezembro, o Raízes Musicais propõe um resgate da escuta atenta e da arte que emociona, representa e resiste. Os ingressos estão à venda pela plataforma Symppla.

Nas ondas do blues

✦ Com o objetivo de desconstruir a ideia de que o blues é, essencialmente, um gênero melancólico, o jornalista, radiologista e cientista social Alexandre Rocha lança o livro "Shake That Thing: antropologia, história, significação e erotismo no blues". A obra será apresentada em quatro locais do Distrito Federal, sempre acompanhada de shows que celebram as diversas vertentes do blues, com ênfase em seu caráter sensual. Fruto de quase 40 anos de pesquisa, o livro investiga o gênero musical a partir de cinco eixos — história, música, poética, dança e performance —, questionando a imagem tradicional do blues como música de lamento. Ao destacar seu aspecto erótico, Alexandre oferece uma leitura original e interpretativa sobre esse influente e secular gênero afro-americano, evidenciando sua complexidade e riqueza cultural.

São João em agosto

Festa junina fora de época acontece na Esplanada dos Ministérios até domingo (17)

Por Mayariane Castro

O Maior São João do Cerrado começou nesta quarta-feira (13), na Esplanada dos Ministérios, em Brasília. O evento segue até o domingo (17) com entrada gratuita e estrutura montada em uma área de 60 mil metros quadrados. A programação inclui shows musicais, apresentações culturais, cidade cenográfica e estrutura de acessibilidade.

Após 17 edições realizadas em Ceilândia, o evento ocupa pela primeira vez a Esplanada dos Ministérios, no centro da capital federal, a poucos metros da Rodoviária do Plano Piloto. A mudança de local tem como objetivo ampliar o acesso do público ao festival, mantendo o foco na valorização da cultura popular nordestina e na história da

migração para o Distrito Federal.

Na abertura do evento, o público acompanhou uma queima de fogos, seguida de apresentações culturais e o show do cantor sergipano Mestrinho, destaque da primeira noite. A programação musical está dividida entre o palco principal, três ilhas de forró e um coreto.

Locais e nacionais

A edição de 2025 do São João do Cerrado reúne artistas nacionais e locais. Entre os nomes confirmados estão Márcia Fellipe, Banda Magníficos, Juze, Michele Andrade, Nena Queiroga e Paulin Vaqueiro. Artistas do Distrito Federal também integram a programação, como Pé de Cerrado, Balé Flor do Cerrado, Transições Cia de Dança, Cesar Amaral e Boka de Sergipe.

Pedacinho do Nordeste em Brasília

Espaço deste ano homenageia Campina Grande, na Paraíba

Além dos shows, a cidade cenográfica traz elementos típicos do sertão nordestino, como boquete, igreja, parque de diversões, circo e a Vila Borborema, espaço dedicado à memória da cidade de Campina Grande (PB), considerada uma das principais referências da cultura junina no país.

A festa tem estrutura com intérpretes de Libras, audiodescrição, camarote para pessoas com mobilidade reduzida e estacionamento exclusivo para pessoas com deficiência. A organização

destaca que o evento é voltado a todos os públicos, com foco na acessibilidade e na diversidade cultural.

Legado

Desde sua criação, o São João do Cerrado já reuniu mais de quatro milhões de pessoas. Em 17 edições anteriores, o evento contabilizou 1.640 horas de música e mais de 26 mil artistas participantes. Na edição de 2024, foram gerados 1,5 mil empregos diretos e cerca de 5 mil indiretos.



Festa sai este ano de Ceilândia e vem para a Esplanada



Cultura nordestina celebrada em Brasília

A estrutura técnica inclui 100 mil watts de som e 300 mil watts de luz. Segundo a organização, os números refletem o crescimento do evento ao longo dos anos, que se consolidou como uma das maiores festas populares do calendário cultural do Distrito Federal.

A idealizadora e produtora do festival, Edilane Oliveira,

afirma que o São João do Cerrado tem como proposta valorizar a memória das famílias nordestinas que vivem em Brasília. O evento, segundo ela, busca recriar as tradições das festas juninas e proporcionar um ambiente de encontro entre gerações e comunidades.

A transferência do São João do Cerrado para a Esplanada dos

Ministérios gerou insatisfação entre moradores de Ceilândia, que consideram o evento parte da identidade cultural da cidade. Tradicionalmente realizado na região administrativa, o festival passou a integrar o calendário local como símbolo das raízes nordestinas no Distrito Federal.

Segundo a produtora Edilane Oliveira, a mudança foi motivada pela falta de espaço adequado em Ceilândia. Ela explicou que o terreno onde o evento era realizado foi vendido e está atualmente em obras. Edilane lembrou que as primeiras edições ocorreram no antigo Ceilambódromo, desativado para a construção de uma unidade de pronto atendimento (UPA), e que, posteriormente, a festa foi realizada ao lado do Estádio Abadião até 2024. A produtora afirmou ainda que a realização no Plano Piloto é pontual e que há expectativa de retorno a Ceilândia nas próximas edições.

Divulgação

Divulgação

#cm
2

FIM DE SEMANA



Pela primeira vez, Maior São João do Cerrado ocorre na Esplanada

PÁGINA 16



Final de semana no DF com oficinas de dança de cultura popular

PÁGINA 8



Museu a Céu aberto no Panteão da Pátria traz cultura e história

PÁGINA 15

53 FESTIVAL DE CINEMA DE GRAMADO

Um astro made in Brazil

Rodrigo Santoro chega na noite desta sexta-feira (16) ao Festival de Gramado para receber o Kikito de Cristal, honraria que reconhece artistas brasileiros que projetaram a América Latina internacionalmente. O ator, prestes a completar 50 anos, será homenageado pelos 25 anos de carreira que incluem sucessos como “Carandiru”, “300” e séries americanas como “Lost” e “Westworld”.

Na mesma ocasião, será exibido “O Último Azul”, seu mais recente trabalho dirigido por Gabriel Mascaro. O filme, que conquistou o Grande Prêmio do Júri

em Berlim, apresenta uma distopia sobre etarismo ambientada na Amazônia. Santoro interpreta um barqueiro que ajuda Tereza (Denise Weinberg), septuagenária que se recusa a ser confinada em campo de concentração para idosos e inicia jornada rio acima.

A produção, que estreia comercialmente em 28 de novembro, reflete o momento especial do nosso cinema que vem levando mais brasileiros às salas de exibição e conquistando reconhecimento internacional. Na página seguinte, o ator conversa com Rodrigo Fonseca